

# Nu

Congelado no próprio olhar.

A euforia dissolvida.

O reflexo.

Júlio.

Uma porção de calor penetrava suas narinas. O sol subia às onze horas, o cheiro da manhã se esvaía, o quarto ecoava o silêncio. Um homem sozinho em sua casa, nada de extraordinário. Mas pesava. E esse peso descia sobre ele como a voz que nos empurra de volta ao vício.

Os lábios soltos sem palavras. O corpo preso pela imagem. Quem era aquele senão ele mesmo? Mas por que era tão diferente de outrora? Ainda os cabelos castanhos, a pele morena, os músculos esculpidos por vaidade. Ainda o tipo que interrompe a respiração, descompassa o coração e desperta o fogo. Mas não o corpo que devora, se afoga e se dilui em outros.

Júlio amargou seu reflexo. A alma despida do corpo. As pupilas respirando um desalento frio. O quebra-cabeças de si mesmo espalhado pelo chão. Peças conhecidas. Peças novas. Encaixes antigos. Junções possíveis.

César enxergava a sensualidade incrustada na pele. Fraca, trêmula, adoecida. Prometia morrer em alguns dias. Seu corpo, instrumento de caça, luxúria e prazer, servia a todos, bebia de quem quisesse. Talhado, rígido, quente. Pronto ao sexo. Para uso e manuseio. Não para abrigo.

Júlio César se cortava nas rachaduras de seu eu. Lascas pontiagudas apontadas contra a mente, havia se calado naquele segundo olhar para si mesmo. Estava perdendo suas características.

Júlio tinha a alma desprotegida de corpo. Via agora. Nas íris coloridas de avelã, salpicadas de um marrom profundo. A fragilidade ondulando ao toque da brisa do tempo presente. César queria reter o que conhecia de si. Não importava que uma parte incomodava para sair. Caminhar no conhecido era mais fácil. O novo sempre traz medo consigo.

Júlio César bebeu gim na memória. Pares e pares de mãos que lhe tocavam. Fumaça. Música. Gemidos. E a noite anterior se dissolveu no espelho. No eu raquítico que não sabia para onde ir. Fora de camas, chãos, mesas. Longe de abdomens, seios, orifícios.

Um sorriso em deboche começou a se formar, mas se perdeu numa expressão de asco. Era resto e fruto do passado recente. Recém-morto. Ainda quente e respirando. Brincando de voltar a viver. Era escolha ou necessidade de mudança. Era miséria iluminada, admitida, chorada sem lágrimas. Fim da fuga. Vontade de se entregar a ela.

Encarou o celular jogado na cama, desviou o olhar para seu reflexo, seus olhos valsando entre dois desejos. Marcar outro sexo fácil. Lutar contra essa... necessidade. Palavra ingrata que emergiu naquele instante. Estava ali o tempo todo, no escuro da negação. Sob a luz doía.

Júlio se desejava inteiro. Queria vomitar o que de outros havia em si. Receava o vazio. Quanto tempo não se enxergava ausente de corpos? Mas César pulsava por mais uma noite como todos os dias. Júlio César andava por sobre o muro sem escolher lado e por isso mesmo escolhia os dois.